

METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E SEUS BENEFÍCIOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM: SALA DE AULA INVERTIDA E ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES.

Cláudia Amaral da Silva Cintra Santos (IC) e Maria Lucia M. Carvalho Vasconcelos (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A educação escolar coloca novos desafios à ação docente, desafiando os professores a aceitarem novas metodologias de ensino, voltadas à formação integral e multifacetada dos estudantes. Pesquisas ligadas ao uso da tecnologia na educação desenvolveram conceitos e metodologias vinculadas ao chamado Ensino Híbrido, uma proposta de trabalho educacional que busca unir o melhor do ensino presencial, vinculado à escola, ao espaço da sala de aula e o ensino virtual, ligado aos recursos digitais que a internet oferece através do chamado ensino online. É através de vínculos com o Ensino Híbrido que surgiu este artigo, o qual tem como problema central verificar como essa proposta metodológica, mais especificamente por meio da “Sala de aula invertida” e da “Rotação por estações”, pode contribuir para a qualificação do processo de ensino e aprendizagem do indivíduo, de maneira ativa.

Palavras-chave: Ensino Híbrido; novas tecnologias; Sala de aula invertida; Rotação por estações; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

School education poses new challenges to teaching action, challenging teachers to accept new teaching methodologies, aimed at comprehensive and multifaceted training of students. Research related to the use of technology in education has developed concepts and methodologies linked to the so-called Hybrid Teaching, a proposal for educational work that seeks to unite the best of face-to-face teaching, linked to the school, the classroom space and virtual teaching, linked to the resources digital that the Internet offers through the so-called online teaching. It is through links with Blended Learning that this article emerged, which has as its central problem to verify how this methodological proposal, more specifically through the "Flipped Classroom" and "Rotation by stations", can contribute to the qualification of the student. teaching and learning process of the individual, in an active way.

Keywords: Blended Learning; new technologies; Flipped classroom; Rotation by stations; Elementary School.

1. INTRODUÇÃO

O século XXI requer a admissão de novas metodologias de ensino para suprir necessidades, como uma formação integral e multifacetada mais condizente com a educação no atual cenário.

Quando se considera que o processo de ensino-aprendizagem deve ser significativo, contextualizado, não há como fugir das metodologias que melhor se aproximam do interesse do alunado nos dias atuais.

Trabalhar com novas metodologias sempre foi desafiador para os professores. O novo causa desconforto. É preciso muita coragem, estudo e força de vontade para sair da zona de conforto, deixar de ser o foco e ir além de ministrar conteúdo da mesma maneira há anos. Tornar o aluno protagonista em seu processo de ensino-aprendizagem requer romper com o próprio paradigma.

Segundo Moran (2017), a educação híbrida acontece quando se integra várias áreas do conhecimento, seja no modelo disciplinar ou não. Acrescente-se, também, que o híbrido integra os momentos e atividades tanto presenciais como digitais. Pode-se trabalhar com aulas, materiais e atividades tradicionais, do dia a dia e os digitais, sempre de forma dinâmica e integrada.

Assim, os professores não devem temer novas propostas para o seu fazer pedagógico. Aprender sempre é característica inerente à profissão docente. A esse respeito, afirmam Vasconcelos e Brito (2019, p. 145):

Torna-se velho um saber quando não responde mais às inquietações de quem questiona e é superado por um novo saber, capaz de preencher lacunas deixadas por aquele. Convém, contudo, lembrar que, no velho, está sempre latente o novo, numa perfeita simbiose gnosiológica.

Pesquisas ligadas ao uso da tecnologia na educação desenvolveram conceitos e metodologias vinculadas ao chamado Ensino Híbrido, uma proposta de trabalho educacional que busca unir o melhor do ensino presencial, vinculado à escola, ao espaço da sala de aula e o ensino virtual, ligado aos recursos digitais que a internet oferece através do chamado ensino online. É através de vínculos com o Ensino Híbrido que surgiu este artigo, o qual tem como problema central verificar como essa proposta metodológica, mais especificamente por meio da “Sala de aula invertida” e da “Rotação por estações”, pode contribuir para a qualificação do processo de ensino e aprendizagem nas séries finais do Ensino Fundamental, essa maneira de fazer pedagógico pode ser denominado como metodologias ativas.

As metodologias ativas têm como princípio teórico a autonomia. A autonomia é fundamental no processo pedagógico e a pesquisa é uma das formas de viabilizar o

aprendizado e o desenvolvimento da autonomia intelectual e da consciência crítica. Com elas, o aluno constrói seu conhecimento em vez de recebê-lo de forma passiva do professor. O aluno que possui essas competências pode questionar e intervir na realidade com muito mais propriedade.

Como afirma Freire (2005, p. 121), a autonomia é um processo que vai sendo construído, paulatinamente, pelo indivíduo e, por essa razão, uma educação, que se volte para o desenvolvimento dessa competência, “[...] deve estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

As pessoas estão cada vez mais conectadas. A cultura, as instituições e a trajetória da sociedade caminham para um universo cada vez mais inter-relacionado. Por exemplo, estabelecem-se redes de comunicação por meio de mídias participativas, nas quais se apresentam notícias, fatos e novos meios de entretenimento em tempo real no mundo todo. Pessoas, agentes públicos e privados aparecem conectados.

Juntamente com essas modificações, fazem-se necessárias, também, mudanças na educação, ou ainda, nos métodos de ensino-aprendizagem. A velocidade em que ocorrem as transformações na sociedade torna cada vez mais provisórias ou temporárias as verdades construídas no saber-fazer científico (MITRE et al., 2008)

Grande parte das escolas/faculdades faz uso de métodos de ensino tradicionais. Para estudantes ambientes ou salas de aulas ganham apelidos como “local onde todos dormem e uma pessoa fala”, o que deriva do fato de que o ato de ensinar acaba resumindo-se ao momento da aula expositiva, encerrando-se nele e desconsiderando o aluno na ação de ensinar. Trata-se de um ensino repetitivo, isto é, as aulas são constituídas por falas do professor e audições dos alunos, normalmente desmotivados. O aprendizado é medido pelo volume de informações memorizadas e facilmente repetidas nas provas, nunca refletidas ou analisadas.

Diante da situação acima descrita, levanta-se a hipótese de que com as metodologias ativas torna-se possível usar a problematização como estratégia de ensino-aprendizagem. Diante de problemas reais, o discente costuma estar muito mais motivado para examinar, refletir e pode relacionar à sua história o que é investigado, ressignificando suas descobertas.

O aprendizado ativo vai ao encontro da aprendizagem centrada no estudante, pois se trata da combinação de duas ideias relacionadas: o ensino personalizado e a aprendizagem baseada na competência ou no domínio (HORN; STAKER, 2015).

A “Sala de aula invertida” é uma proposta metodológica que utiliza a teoria, para ser estudada em casa, e o espaço de sala de aula é utilizado para discussões e resolução de atividades. Segundo Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), diversos estudos têm mostrado que estudantes constroem sua visão sobre o mundo ativando conhecimentos prévios e integrando-os as novas informações com as estruturas cognitivas pré-existentes, para que possam, então, pensar criticamente sobre os conteúdos abordados.

A “Rotação por estações” é uma proposta metodológica em que os estudantes são organizados em grupos, cada um realiza uma tarefa, que independem uma da outra, e de acordo com os objetivos do professor para a aula em questão se alcança o planejado. Para Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), a rotação por estações é um dos modelos mais utilizados por professores que optam por modificar o espaço e a condução de suas aulas.

Constituem a base teórica deste artigo, autores que têm discutido a experiência de trabalhar com as metodologias ativas em sala de aula, tais como BACICH (2015); TANZI NETO (2015); TREVISANI (2015); VICKERY (2016); PILATI (2017); MORIN (2017); CORTELAZZO (2018). Para tratar especificamente do tema, foram utilizados os autores BERGAMANN; SAMS (2016), CAMARGO; DAROS, (2018) e BERGAMANN (2018). Como embasamento para a centralidade do aluno no processo educativo, obras de FREIRE (2001, 2007) foram consultadas.

Os modelos de ensino híbrido, de certa forma, organizam uma metodologia que engloba diferentes vertentes e que tem como objetivo principal encontrar maneiras de fazer o aluno aprender mais e melhor.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Não tem como falar de educação transformadora se não falarmos de Paulo Freire (2001; 2005), que continua tendo suas ideias compartilhadas mundialmente pelo exemplo de educador e filósofo na defesa das classes populares, propondo uma educação libertadora e mostrando aos educandos que é possível modificar o rumo das suas próprias vidas e da sociedade como um todo, a partir de uma pedagogia da esperança e dos sonhos.

Freire (2001; 2005) chama a todos para a construção de um mundo mais humano, justo e democrático (efetivamente falando e não só no discurso) com a participação ativa de todos os sujeitos envolvidos (educandos e educadores). Assim, seremos capazes de repensar criticamente os caminhos para essa humanização e agir conscientemente, lembrando que, nada é definitivo, o mundo não está pronto e estático, mas é provisório e em constante mudança.

Segundo os estudos e dizeres freireanos, não há um modelo, uma forma única de educar, mas existem educações, ocorrendo em diferentes tempos, espaços, e estabelecendo

diversas formas de relação dos sujeitos com o conhecimento, movidos todos por uma ideia do que é educação. A escola, enquanto instituição historicamente estabelecida e destinada à educação formal na sociedade, necessita ter uma proposta pedagógica explícita que defina e oriente as ações de todo o coletivo escolar.

Em “Pedagogia do Oprimido” (2001), Freire dá ênfase a duas educações. A primeira, a educação bancária, baseada na tendência tradicional em que o professor é o detentor do conhecimento e transmite os saberes aos alunos, que são apenas receptores, desprovidos de conhecimentos prévios, ou seja, tornam-se depositários de inúmeras atividades na maioria das vezes sem sentido e repetitivas, de maneira mecânica e superficial, necessitando ser moldados conforme a ordem social vigente. Assim, o aluno torna-se um depositário das informações recebidas pelo professor, realizando inúmeras atividades que requerem a repetição dos conteúdos, de forma mecânica e superficial. Como consequência deste tipo de educação teremos alunos passivos, prontos e considerados perfeitos. “[...] Eis aí a educação “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los [...]” (FREIRE, 2001, p. 58)

A segunda, educação problematizadora, mostra-se como libertadora, onde o aluno é o protagonista e o centro de todo o seu processo de aprendizagem. O estudante constrói sua própria trajetória. Uma educação em que professores e alunos aprendem mediados pelos conhecimentos, numa pedagogia do diálogo e da colaboração mútua. A metodologia requerida para esta educação busca o questionamento contínuo da realidade e das temáticas a serem trabalhadas, partindo daquilo que os educandos trazem de suas vivências e modificando a consciência de ingênua para crítica. É um tipo de educação que acredita na capacidade humana de criação e transformação, sem confundir a liberdade com falta de regras, onde tudo precisa ficar muito claro para todos os envolvidos.

Segundo o autor, “enquanto educador progressista não posso reduzir minha prática docente ao ensino de puras técnicas e de puros conteúdos, deixando intocado o exercício da compreensão crítica da realidade” (FREIRE, 2012, p. 51), para isso, o professor não pode desconsiderar os conteúdos, metodologias e disciplina, pelo contrário, o educador precisa escolher adequadamente os conteúdos, deixar claro os objetivos e a finalidade da proposta gerada. O papel do educador é fundamental, no sentido de agir como orientador das atividades, provocando o desejo em busca do conhecimento, estimulando a dúvida, a curiosidade, revelando a razão de ser de tal tarefa, criando um ambiente propício à reflexão, troca de ideias entre os pares, sistematizando as aprendizagens construídas.

Não podemos deixar de falar da importância de se constituir uma relação de amorosidade e compromisso com os alunos, ouvindo-os, valorizando e aceitando as diferenças, sendo tolerante e indicando os caminhos para serem sujeitos autônomos. Neste

contexto, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 2011, p. 47).

Apesar de serem recentes, as metodologias ativas como prática pedagógica e suas matrizes conceituais têm origem no início do século XX. Alguns autores defenderam, desde o século XX, uma educação pautada na aprendizagem por meio de metodologias ativas.

Dewey, nos anos 1930, destacava a necessidade de se diminuir a relação entre a teoria e a prática, defendendo que a aprendizagem acontece se estiver, frequentemente, no contexto do estudante. Teixeira (1957) transcreve as palavras de Dewey:

[...] o processo educativo não pode ter fins elaborados fora dele próprio. Os seus objetivos se contêm dentro do processo e são eles que o fazem educativo. Não podem, portanto, ser elaborados senão pelas próprias pessoas que participam do processo. O educador, é uma delas. A sua participação na elaboração desses objetivos não é um privilégio, mas uma consequência de ser, naquele processo educativo, o participante mais experimentado, e, esperamos, mais sábio. (DEWEY apud TEXEIRA, 1957, p. 21).

Assim, segundo o autor, o pensamento não pode ser isolado da ação, ambos precisam e só fazem sentido se caminharem juntos. Assim, cabe ao professor apresentar os conteúdos na forma de questões ou problemas, e não o antecipar com as respostas prontas. Para Dewey, o professor precisa criar condições para que o aluno tenha a oportunidade de raciocinar e elaborar os conceitos que, mais à frente, irá confrontar com o conhecimento sistematizado.

Outro autor a ser destacado é Kilpatrick, que se fundamentou nos estudos da escola ativa de Dewey, contribuindo quando colocou em evidência o método do trabalho com projetos.

Para Kilpatrick (1975), o aprendizado tem que partir de problemas reais e não imaginários, o estudante precisa se sentir parte daquela situação para, assim, pensar em uma possível solução. O autor defende a ideia de que todas as atividades curriculares podem realizar-se por meio de projetos, descartando a organização diferenciada.

Tais propostas pedagógicas, de Dewey (1976) e Kilpatrick (1975), foram propagadas no Brasil por Anísio Teixeira e Lourenço Filho, que vivenciaram uma época em que os conceitos eram depositados aos alunos que os decoravam, nada era construído em conjunto. Desse modo, era impossível que os estudantes participassem ativamente de todo o processo. Em contrapartida, esses autores criaram um movimento educacional, conhecido como Escola Nova e que veio contrapor-se ao ensino tradicional, colocando, assim, o aluno no centro do processo e protagonista de sua aprendizagem.

Decroly (1929) também se fundamentou nessa linha de pensamento e contribuiu ao explicar a necessidade de se trabalhar a partir de centros de interesse, onde o aluno aprende a partir de seu próprio interesse, escolhendo a temática a ser desenvolvida.

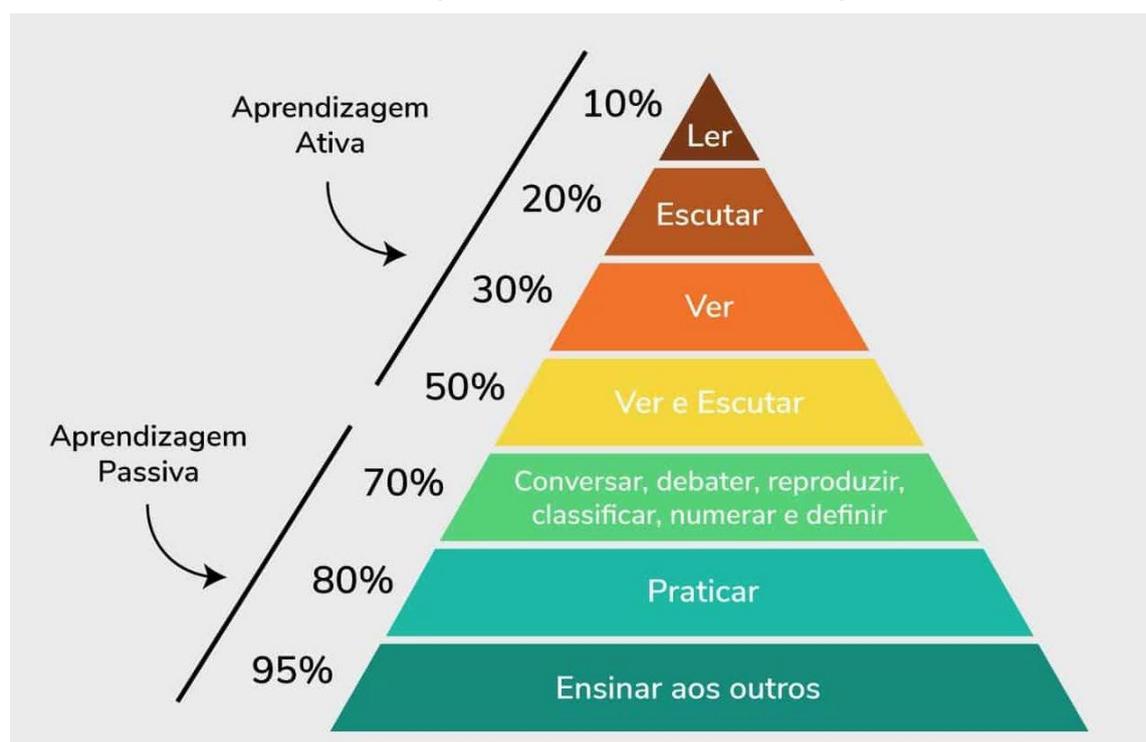
Ausubel (1982) intensificou as ideias de Dewey (1976), Decroly (1929) e Kilpatrick (1975) ao destacar e colocar em evidência e valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, permitindo, assim, que a aprendizagem se torne significativa. Segundo o autor, para que o aprendizado aconteça, são necessárias duas condições: o aluno precisa ter engajamento para aprender e o conteúdo escolar precisa ser significativo, ou seja, articulado com a vida e as hipóteses do estudante.

Essas teorias fornecem subsídios para uma pedagogia dinâmica, que tem como o centro a criatividade e a atividade do aluno, em uma perspectiva de construção de conhecimento, não algo pronto e engessado, como se todos os alunos fossem iguais e tivessem a mesma experiência de vida. A escola e o professor, devem considerar que o processo de ensino-aprendizagem é algo complexo e dinâmico, que exige ações diferentes conforme o aluno vai atuando. Desta forma, as metodologias ativas de aprendizagem se apresentam como uma alternativa com grande potencial para atender às demandas e desafios da educação atual.

Construir uma prática pedagógica que se pautar na aquisição de habilidades e competências é uma tarefa complexa. São vários os elementos que envolvem o processo e é necessário que se utilize um método que esteja pautado na resolução de problemas complexos de forma inovadora. A ideia central do uso de novas metodologias em sala de aula é aprender a partir do uso de situações-problema reais ou simuladas. Os ganhos profissionais e pessoais acontecem a medida em que há sucesso na resolução do desafio. A construção do conhecimento passa a ser mediada pelo docente, que atua como um problematizador (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015), ou melhor, um facilitador da aprendizagem, não apenas um transmissor de conhecimento ou um orador em aulas expositivas.

O uso das metodologias ativas de aprendizagem desenvolve competências pessoais e profissionais, além daquelas desenvolvidas na aula tradicional. A pirâmide de aprendizagem (Fig. 1) proposta por Dale (1969) corrobora essas afirmações ao evidenciar a utilização de atividades de aprendizagem mais ativas, por meio de práticas colaborativas. Segundo o autor, estratégias de aprendizagem com esse foco melhoram o aprendizado e a capacidade de retenção do conhecimento.

Figura 1 - Pirâmide de aprendizagem



Fonte: baseada em Dale (1969)

A pirâmide de aprendizagem de Dale (1969) apresenta sete formas diferentes de aprendizagem. As quatro primeiras, que são assistir uma palestra ou aula expositiva (5%), fazer uma leitura (10%), utilizar recursos audiovisuais (20%) ou demonstrar algo (30%), remetem à aula tradicional. Na base da pirâmide, situam-se outras três maneiras, que são argumentar, praticar o conhecimento e ensinar os outros. Estas últimas referem-se às metodologias ativas de ensino. Podemos observar, portanto, que o aluno desenvolve mais competências e habilidades e retém mais conhecimentos por meio de práticas interativas e colaborativas de ensino.

O modelo tradicional nem sempre proporciona a retenção de conhecimento necessária à prática profissional. A metodologia de ensino tradicional mostra-se inconsistente com a necessidade atual, ou seja, apresenta-se saturado e os resultados apresentados por ele não se dão de modo satisfatório. A metodologia ativa de aprendizagem mostra-se como uma forma de preencher essa lacuna ou campo demandado e pouco explorado.

De acordo com Dewey (1976), o pensamento não pode ocorrer isolado da ação, cabendo ao professor apresentar os conteúdos na forma de questões ou problemas, e não dar de antemão respostas ou soluções prontas. A ideia é criar condições para que o aluno possa raciocinar e elaborar conceitos que, posteriormente, irá confrontar com o conhecimento sistematizado. O aprendizado precisa partir de problemas reais, do cotidiano dos estudantes.

A partir da necessidade de otimizar o tempo em sala de aula e tornar o aprendizado mais ativo e significativo, trataremos de duas formas inovadoras de se ensinar e aprender, a “Sala de aula invertida” e a “Rotação por estações”. Educadores precisam encontrar maneiras de chegar até os estudantes com necessidades distintas e a personalização da educação é um caminho para tal.

Em 2006, os autores Jonathan Bergmann e Aaron Sams começaram a lecionar na Woodland Park High School, em Woodland Park, Colorado, Estados Unidos. Para facilitar o trabalho, economizar e gerenciar o tempo em sala de aula, ambos começaram a gravar as aulas ao vivo e em seguida postavam para os alunos acessarem. Dessa forma, os alunos que faltavam ou que chegavam atrasados (um problema constante do local em que lecionavam), poderiam consultar ou rever quando quisessem, os conteúdos perdidos. Em parte, os problemas foram resolvidos, porém, algo ainda os incomodava, a incapacidade dos alunos de traduzir o conteúdo das aulas em conhecimentos úteis e que lhes permitissem fazer o dever de casa. Aaron conclui que, o momento em que os alunos realmente precisam do professor fisicamente é quando param e carecem de ajuda individual, ou sejam, necessitam de auxílio quando se deparam, em casa e sozinhos, com as tarefas. Foi aí que nasceu a “Sala de aula invertida”, a aula é gravada e os alunos a assistem em vídeo como “lição de casa” e o tempo em sala de aula é usado para ajudá-los com os conceitos não compreendidos. Porém, tudo precisa ser bem planejado e preparado. Além dos vídeos, as propostas e orientações para assisti-lo devem ser bem claros. Lembrando que, o professor não estará presente quando o estudante estiver assistindo e realizando as atividades.

A metodologia da “Sala de Aula invertida” ocorre em um ciclo de três momentos: antes, durante e depois da aula, conforme exemplifica a Figura 2.

Figura 2 - O funcionamento da Sala de Aula Invertida



Fonte: Adaptado de EdTech (2020).

Há uma logística para implementar a sala de aula invertida, como a produção ou aquisição de vídeos. Os vídeos podem ser:

- De autoria do próprio professor, nesse caso, precisa-se pensar em qual programa de captura de tela usará, equipamentos, o passo a passo para a produção e edição dos vídeos.
- De outros professores, uma melhor opção para quem está começando a inverter a sala de aula.

No modelo sala de aula invertida, o tempo é totalmente reestruturado. Os alunos ainda precisam fazer perguntas sobre o conteúdo que lhes foi transmitido pelo vídeo, as quais são respondidas pelo professor nos primeiros minutos da próxima aula. Dessa maneira, é possível esclarecer os equívocos antes que sejam cometidos e aplicados incorretamente. O restante do tempo é usado para atividades práticas mais extensas e/ou para solução de problemas.

Tabela 3 - Comparação do uso do tempo nas salas de aula tradicional e invertida.

Sala de aula tradicional		Sala de aula invertida	
Atividade	Tempo		Tempo
Atividade de aquecimento	5 minutos	Atividade de aquecimento	5 minutos
Repasso do dever de casa da noite anterior	20 minutos	Perguntas e respostas sobre o vídeo	10 minutos
Preleção de novo conteúdo	30-45 minutos	Prática orientada e independente e/ou atividade de laboratório	75 minutos
Prática orientada e independente e/ou atividade de laboratório	20-35 minutos		

Fonte: livro Sala de aula invertida

A “Sala de aula invertida” estabelece um referencial que oferece aos estudantes uma educação personalizada, ajustada sob medida às suas necessidades individuais. Bergmann e Sams (2018, p. 11) afirmam que inverter a sala de aula é também uma mudança de postura e mentalidade, pois desloca a atenção do professor para os alunos e sua aprendizagem. O professor assume a atitude de orientador, personalizando o ensino. Os autores acrescentam que “[...] um dos grandes benefícios da inversão é o de que os alunos que têm dificuldade recebem mais ajuda. O docente circula pela sala de aula o tempo todo, ajudando os estudantes na compreensão de conceitos em relação aos quais se sentem bloqueados”.

Segundo Bergmann e Sams (2018), professores de todo o mundo adotaram o modelo de sala de aula invertida e estão usando para lecionar a alunos de todos os níveis do ensino fundamental e médio, assim como adultos, e em todas as áreas curriculares. A inversão da

aula pode mudar a vida do estudante, como colocado anteriormente neste artigo, porém por quais razões o professor deve inverter a sala de aula? Os autores insistem em alguns motivos pelas quais o professor deve inverter sua aula:

- A inversão fala a língua dos estudantes de hoje;
- A inversão ajuda os estudantes ocupados;
- A inversão ajuda os estudantes que enfrentam dificuldades;
- A inversão ajuda os alunos com diferentes habilidades a se superarem;
- A inversão intensifica a interação aluno-professor;
- A inversão possibilita que os professores conheçam melhor seus alunos;
- A inversão aumenta a interação aluno-aluno;
- A interação permite a verdadeira diferenciação
- A interação muda o gerenciamento da sala de aula;
- A inversão muda a maneira como conversamos com os pais;
- A inversão torna a aula mais transparente;
- A inversão é uma ótima ferramenta na ausência de professores.

Conforme estudos, o uso da sala de aula invertida nas aulas de Língua Portuguesa funciona muito bem, tanto para o ensino dos gêneros textuais quanto para o ensino dos conhecimentos linguísticos. Os recursos tecnológicos também são suportes para aplicação do componente curricular.

No ensino da gramática, por exemplo, para iniciar o conteúdo “Substantivo concreto e abstrato, o professor poderá enviar, como lição de casa, uma animação realizada por meio do *prezi* (ferramenta inovadora para construção de apresentação de slides), seguindo um roteiro estabelecido pelo docente e realizar um exercício para sistematizar o conteúdo abordado. A sequência da aula seguiria da seguinte maneira:

1. Os estudantes assistirão ao vídeo com o conteúdo “Substantivo concreto e abstrato” seguindo o roteiro enviado pelo professor;
2. No roteiro, registrarão: Tema da aula; diferença entre substantivo concreto e abstrato; exemplos criados pelos alunos;
3. No dia seguinte, em sala de aula, houve resolução de exercícios sobre o conteúdo, discussão sobre as dúvidas da turma e um jogo de perguntas e respostas.

Como descrito acima, em sala de aula, nos momentos presenciais, as discussões

tornam-se mais fundamentadas, e os alunos tornam-se mais ativos, mantendo uma argumentação crítica em seu discurso. Além disso, a interpretação se torna muito mais rápida, visto que, o conteúdo já foi visto e estudado anteriormente em casa.

Assim como a “Sala de aula invertida”, a rotação por estações de aprendizagem é também uma metodologia advinda do conceito de Ensino Híbrido. Nela, os alunos são divididos em pequenos grupos, que participarão de algumas estações de trabalho, sendo uma delas com acesso a um conteúdo on-line. A partir disso, os estudantes executam um rodízio por essas estações, cada uma com uma atividade que se comunica com o objetivo central da aula.

Christensen, Horn e Staker (2013, p. 27) definem a “Rotação por Estações”, como “rotação de turmas ou rotação de classes”, e preconiza o “revezamento dos alunos dentro do ambiente de sala de aula”. Os modelos de Rotação permitem ao professor realizar adaptações conforme a realidade educacional.

As estações precisam ser planejadas de forma que sejam independentes, sem exigência de algum pré-requisito ou exercício prévio, levando em consideração que cada grupo iniciará as atividades em uma estação diferente (ANDRADE; SOUZA, 2016). Ou seja, o planejamento desse tipo de atividade não é sequencial, e as tarefas realizadas nos grupos, independem umas das outras, porém, funcionam de forma integrada para que, ao final da aula, todos tenham tido a oportunidade de ter acesso aos mesmos conteúdos.

O tempo para aplicação deve ser bem pensado, para que não falte ou não sobre demais, onde os alunos podem perder o foco dentro do que foi proposto. Ele pode variar de acordo com a duração da aula, podendo estimar um tempo mínimo e máximo para o trabalho em cada estação. Na maioria das vezes, o tempo mínimo é de 15 minutos.

Há três momentos imprescindível na rotação por estações:

- O de interação entre professor e aluno: momento para se tirar dúvida, receber orientações e dar os direcionamentos.
- O de trabalho colaborativo: aqui, os estudantes trabalharão em um projeto comum, propõem questões uns para os outros, organizam debates ou desenvolvem algo que demonstre seu aprendizado.
- O de tecnologia: inclui-se estudos individuais, atividades online e/ou de pesquisas e jogos.

Ter um roteiro para descrever cada atividade/conteúdo e para orientar cada ação (dentro de cada estação) é fundamental. O Óbvio precisa ser dito e ser claro. A orientação é extremamente relevante nessa metodologia pois poderá motivar os alunos a participar de cada uma das estações e fará toda a diferença para que os objetivos propostos sejam atingidos.

Lembrando que, é superimportante e necessário pensar quais são os objetivos de aprendizagem de cada estação e se, ao final de todas as estações, será possível cumprir os objetivos de aprendizagem elaborados para determinado conteúdo. Uma estação independente da outra não quer dizer falta de propósito.

O papel do professor em uma rotação por estações será de mediador, levantando os conhecimentos prévios, estimulando o trabalho colaborativo e sistematizando, ao final, os aprendizados da aula.

Pensando que, os alunos aprenderão melhor se tiverem a chance de experienciar diferentes metodologias e maneiras para aprender, o professor pode usar diferentes recursos e estratégias e esses recursos devem apresentar diferentes graus de complexidade e/ou dificuldade. Esses recursos podem ser deste a leitura de textos, uso do dicionário, jogos para sistematização, escrita de um texto de autoria até a argumentos para a resolução um determinado problema.

Sendo assim, a rotação por estações é um dos modelos mais utilizados por professores que optam por modificar o espaço e a conclusão de suas aulas, podendo ser utilizado também tanto como aplicação de conteúdos novos como em momentos de revisão.

Figura 4 - Exemplo de uma Organização do Modelo de Rotação por Estação



Fonte: Sataka e Rozenfeld (2017)

No ensino de conteúdos da Língua Portuguesa, pode-se utilizar a estação por rotação como revisão de temáticas. Exemplo: revisão de adjetivo. Lembrando, a quantidade de estação depende do número de discentes em classe, para a atividade abaixo foram seis estações com quatro estudantes em cada .

Estação 1: conceito e classificação do adjetivo com exercícios práticos;

Estação 2: jogo *Wordwall* sobre adjetivo, conceito e classificação. (material para a atividade: *tablet*, dois por grupo);

Estação 3: Jogo do nome (material para esta atividade: papel e caneta);

Estação 4: leitura e interpretação do conto “Um problema difícil”, do escritor Pedro Bandeira. Na sequência, os alunos irão identificar os adjetivos no texto e depois reescreverão o segundo e o terceiro parágrafos do texto, “Um problema difícil”, atribuindo características às personagens destacadas, e também a outros substantivos presentes neste trecho do conto. Por exemplo:

“Era um *problema* **chato** dos grandes. A *turminha* **animada** reuniu-se... Por mais que pensasse, não atinava com uma *solução* **satisfatória**.... Era apenas um *menino* **triste!**”

Estação 5: escrever um substantivo e um adjetivo para *Emojis*;

Estação 6: elaboração de um mapa mental (adjetivo: conceito e classificação).

Andrade e Souza (2016), em seu artigo sobre estação por rotação, destacam algumas escolas, brasileiras e de outros países, que já utilizam essa metodologia em razão dos benefícios que proporcionam ao processo de ensino-aprendizagem. Os autores destacam também os benefícios do trabalho com grupos menores, favorecendo a aprendizagem, a personalização, o diálogo, a escuta e a percepção das dificuldades dos discentes, como também a importância do feedback, realizado pelo professor a seus alunos de maneira mais ágil, levando-os a refletir, reinventar, criar, pensar e agir.

3. CONCLUSÃO

As metodologias ativas de aprendizagem se apresentam como uma alternativa com grande potencial para atender às demandas e desafios da educação atual.

O presente artigo buscou mostrar aos educadores que o Ensino Híbrido, como estratégia de ensino-aprendizagem, veio para ficar. Que é um caminho sem volta. Que o estudante precisa, sem dúvida, ser atuante e protagonista de seu processo de aprendizagem, porém, isso não torna o papel do docente desvalorizado, pelo contrário, tal postura exigirá rompimento de um padrão adotado há anos, de que o detentor do saber é só o professor e, assim, agir como um articulador das propostas inovadoras.

A aprendizagem se constrói em um processo equilibrado entre a elaboração coletiva em que cada um percorre roteiros diferenciadores. Em um mundo tão dinâmico, de múltiplas linguagens, telas, grupos e culturas, cada um de nós precisa, junto com todas as interações sociais, encontrar tempo para aprofundar, refletir, reelaborar, produzir e fazer novas sínteses. É na síntese dinâmica da aprendizagem personalizada e colaborativa que desenvolvemos todo o nosso potencial como pessoas e como grupos sociais, ao nos enriquecermos mutuamente com as diversas interfaces do diálogo dentro de cada um, alimentando e alimentados pelos diálogos com os diversos grupos dos quais participamos, com intensa troca de ideias, sentimentos e competências em diferentes desafios que a vida nos oferece.

4. REFERÊNCIAS

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.) *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BACICH, L.; MORAN, J. *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática*. 2017.

BERGMANN, J.; SAMS, A. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

CAMARGO, F.; DAROS, T. *A sala de aula inovadora*. Porto Alegre: Penso, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HORN, M. B.; STAKER, H. *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro. Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf> Acesso em 20 de março de 2017.

_____. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Educação Humanista e Inovadora. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/> Acesso em 12 de julho de 2017.

VASCONCELOS, Maria Lucia e BRITO, Regina H. Pires de. *Conceitos de educação em Paulo Freire: glossário*. 6^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes : São Paulo, SP: Mack Pesquisa – Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2019.

Contatos: claucintra@hotmail.com

marialucia.vasconcelos@mackenzie.br